

“Centrão” aceita adiar votação do regimento interno

Janio de Freitas

Deu empate na vitória

A tão proclamada vitória do “Centrão”, se avaliada em seus significados mais densos e extensos, veio provar que pelo método do confronto a Constituinte sufocaria no impasse e a nova Constituição não seria votada, porque nenhuma das duas facções tem força numérica para impor-se à outra.

Como resultado de formidável esforço para a presença de seus componentes iniciais e de pressões sobre aqueles que o abandonavam em repulsa do seu radicalismo, o “Centrão” conseguiu 271 votos. Número suficiente para fazer vitoriosa sua proposta extremada de reforma do Regimento da Constituinte, contra os 223 que apoiaram a solução conciliatória oferecida pelo deputado Ulysses Guimarães. Mas insuficiente diante dos 280 votos necessários à aprovação, posteriormente, de emendas ao projeto constitucional elaborado pela Comissão de Sistematização.

A rigor, pelo Regimento não houve sequer esta vitória do “Centrão” na disputa das propostas, porque todas as aprovações no plenário da Constituinte exigiram o mínimo de 280 votos. Como, porém, em decisões precedentes Ulysses permitiu a aprovação por maioria simples, foi coerentemente correto ao admiti-la em benefício de seus adversários. O que não impede de lamentar sua incidência, antes, na mania brasileira de estabelecer regras e não as cumprir. A complacência, agora, virou contra o complacente — e nada indica que daí, afinal, resulte alguma lição para alguém.

Os 271 votos reunidos pelo “Centrão” foram obtidos em dia de comparecimento excepcional, que não deverá constituir a normalidade mesmo durante a fase entrante de participação do plenário. Com 506 presentes, o número de faltantes não arredondou os 10%. Se ainda assim, e com tanto esforço que só se repetirá nas votações de artigos como reforma agrária, ao “Centrão” faltaram nove votos para que possa confiar em sua capacidade decisória, seu futuro

aritmético é ainda menos sorridente. Porque estão quase todos concentrados no “Centrão” aqueles que, antes no Congresso e agora na Constituinte, só se tornam visíveis no plenário de terça para quarta-feira e daí até o final de quinta: nos demais dias estão cuidando dos seus negócios e fazendas. Com a Constituinte já no seu décimo mês, anteontem havia dezenas, calculam alguns que perto de uma centena, que estavam precisando de guia para achar o plenário ou chegar ao cafezinho.

Emendar o Regimento, para permitir a apresentação de novas emendas pelo plenário, era o ponto de maior convergência dos integrantes do “Centrão”, que se dividem diante de cada um dos pontos polêmicos do projeto constitucional. Nem assim o “Centrão” obteve a maioria regimental. Apesar disso, os três cruzados da direita, que se apropriaram da voz do “Centrão” — Amaral Netto, Ricardo Fiúza e Roberto Cardoso Alves —, persistiram por todo o dia de ontem, e prometem fazê-lo até o fim, na recusa de uma composição que se apresenta, a esta altura, como única via para dotar-se o país de nova Constituição. Não há dúvida de que desviar o processo deste rumo, seja lá para onde for, é o objetivo dos que estão conduzindo ou dando base à recusa de composição. De onde o inteligente diagnóstico do deputado Joaquim Francisco Cavalcanti: “Acima da crise política ou ideológica, o que nós estamos vivendo é uma crise de percepção”.

A proposta conciliatória de Ulysses Guimarães é muito mais do que satisfatória: cada deputado poderia apresentar três emendas e seis destaques, admitindo-se substitutivos para artigos, seção e, o que já foi concessão até exagerada, para capítulo.

Caso não prevaleça o bom-senso para o acordo até quarta-feira e a Constituinte afunde no impasse, os conservadores radicais vão ver a realidade dar vida a um slogan de suas velhas falácias: ninguém segura este país.

“Apesar de estar na Presidência da República, eu disse que receberei na Presidência e me deslocarei para a Câmara. Irei aos gabinetes, se isso for necessário. Vou interceder”, disse Ulysses, ainda de manhã, logo após o embarque do presidente José Sarney para o México.

Da Sucursal de Brasília

O “Centrão” concordou ontem em adiar para a próxima quarta-feira a votação das propostas de alteração ao regimento interno do Congresso constituinte, após um apelo do senador Fernando Henrique Cardoso (SP), líder do PMDB no Senado, feito na tribuna da Câmara, de manhã. Até lá, as duas partes tentarão firmar um acordo, que terá como um de seus elementos uma proposta do deputado Guilherme Afif Domingos (PL-SP), que exige concessões mútuas.

As três horas da sessão foram gastas na tentativa do acordo e no revezamento, na tribuna, de opositores e defensores do adiamento da votação. Desde a noite de anteontem, as negociações começaram a ser “costuradas”, mas alguns líderes do “Centrão” insistiam em pôr em votação a proposta do deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), que altera radicalmente o atual regimento.

“Nós somos os vencedores. Estamos dispostos a conversar somente depois dessa votação”, disse o deputado Amaral Netto (RJ), líder do PDS, que formava com os deputados Gastone Righi (PTB-SP) e José Lourenço (PFL-BA) a “tropa de choque” contra qualquer tipo de

Centrão mede sua força no plenário

Da Sucursal de Brasília

Há quase um mês, o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) almoçava no restaurante do Senado, com Fábio Sabóia, assessor da União Democrática Ruralista (UDR) e dois jornalistas e comentava o surgimento de um novo grupo no Congresso constituinte. Animado, dizia: “Se ganharmos, definiremos um perfil moderado para a Constituição. Se perdermos, pego primeiro navio e vou para a Europa, e os radicais que façam a sua Constituição”.

“O Centrão” estava se organizando. Alguns dias depois encontrava sua estratégia: o “Centrão exigiria que, nas questões polêmicas, fossem necessários 280 votos no plenário para a manutenção do projeto da Sistematização, o que contraria a norma parlamentar que só fazia essa exigência para derrubar artigos.

O “Centrão” queria motivo para uma medição de força no plenário. Encontrou sua fórmula. Nos últimos dias, o que se ouviu e leu de Brasília foram termos parlamentares como preferência, destaque, substitutivo. Por trás, esteve o jogo do poder no Congresso constituinte, que por enquanto está empatado.



Delfim, Amaral Netto e Covas (da esq. para a dir.) discutem no plenário

entendimento com o PMDB. Apesar dessa resistência, o “Centrão” estava rachado.

Mesmo tendo conquistado preferência, na sessão de anteontem, para votar a emenda de Cardoso Alves antes de todas as outras que querem modificações no regimento, o “Centrão” não arregimentou ontem 280 votos para aprovar sozinho a proposta. Quando o grupo insistiu em colocar a emenda Cardoso Alves em votação, o PMDB e os partidos de

esquerda ameaçaram sair do plenário. Se essa manobra fosse feita, a votação seria cancelada. Pelo regimento interno, uma votação do Congresso constituinte só é válida com a presença mínima de 280 parlamentares em plenário.

“Existe uma maioria desejosa de mudar o regimento. Mas essa maioria não é suficiente para aprovar uma Constituição sem que hajam canais de negociação limpos”, disse Fernando Henrique Cardoso.

“Centrão” briga no Florentino

MÁRIO VÍTOR SANTOS
Diretor-executivo da Sucursal de Brasília

“Eu fecho a Constituinte. O Centrão está disposto a embolar tudo”, gritou o deputado Amaral Netto (PDS-RJ) no salão do restaurante Florentino, o principal ponto de encontro de políticos e autoridades nas noites de Brasília. Era 1h25 da madrugada de ontem e, apesar do sono causado pela batalha parlamentar, os olhos dos pefelistas Francisco Dornelles, Saulo Queiroz, Alcení Guerra e Jayme Santana se ergueram esbugalhados.

Em pé, diante deles, Amaral Netto, eufórico após a vitória obtida naquela noite, clamava por uma demonstração de força pela qual o grupo conservador do Congresso constituinte passasse a dar o tom da nova Carta. “Amanhã (ontem) nós precisamos vencer. Dou minha palavra de honra que, se votar amanhã, na segunda-feira eu vou ao Richa, Fernando Henrique e ao Ulysses e nós fechamos tudo”.

Pois era essa a questão que de repente melava a festa do “Centrão”: exaltado, o “xiita” Amaral Netto tentava convencer os “moderados” diante dele a passar o rolo compressor na “esquerda”, do

PMDB aos PCs. Chega então o deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA), outro adversário do entendimento.

Ele vinha do bar que fica na entrada do restaurante, onde parte da bancada do “Centrão” festejava a vitória inicial, ao lado do consultor-geral da República, Saulo Ramos, e do secretário particular do presidente Sarney, Jorge Murad. No bar, Luiz Eduardo, filho do ministro Antônio Carlos Magalhães, não sabia o que aguardava no restaurante anexo.

Magalhães entrou, sorridente. “Vencemos”, disse para o grupo. “Vencemos coisa nenhuma”, respondeu Jayme Santana, fazendo menção de se levantar, enquanto Amaral Netto voltava para sua mesa de fininho. “Comigo dois e dois são quatro. Você topou o acordo quando nós conversamos e agora votou contra. Eu não faço acordo para melhorar depois”, reagiu Santana.

Foi o tempo justo para Amaral Netto retornar de fôlego novo à mesa para atrair Dornelles com elogios: “Você é um homem que me conhece, parlamentar digno. Na segunda-feira, nós acertamos tudo”, referindo-se ao acordo com o PMDB. Minutos depois, o mesmo Amaral Netto, em sua mesa, segredava: “Imagine o

Leis trabalhistas são alvo do grupo

Da Sucursal de Brasília

A principal preocupação do grupo suprapartidário conhecido como “Centrão” é mo difícil substancialmente alguns direitos trabalhistas estabelecidos no projeto da nova Constituição, a provado pela Comissão de Sistematização. Além de ser contrário à estabilidade no emprego, o “Centrão” quer reduzir o período de licença-gestante e o pagamento dobrado para as horas-extras.

“Queremos avanços no campo social que não inviabilizem a economia”, disse o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA), um dos relatores das emendas coletivas que o “Centrão” está preparando. Até a próxima terça-feira, essas emendas devem estar prontas para receber as adesões do grupo.

A Segunda grande unanimidade entre o “Centrão” é a necessidade de alteração da proposta de reforma agrária. Os membros do grupo discordam do texto, mas mantêm em absoluto segredo a alternativa pretendida.

Dornelles posando de homem correto. Teve 110 Volts na campanha e eu três calhambeques”.

Dornelles defendeu a atitude de Ulysses Guimarães, que transferira a votação das mudanças no regimento para ontem. Amaral não gostou: “Hoje, pela primeira vez, eu chamei o Ulysses de Vossa Excelência, mas também chamei de filho da puta”. A essa altura, o show de Amaral Netto no salão do Florentino, já tinha até torcida. Apareceram o maitre, garçon e cozinheiro.